



A OLIMPIZAÇÃO DE MODALIDADES ESPORTIVAS E O MITO DA CONSTRUÇÃO ARTIFICIAL DOS CORPOS: O CASO DA ESCALADA OLÍMPICA

Resumo - Os Jogos Olímpicos que acontecerão em Tóquio, no ano de 2020, contarão com a inclusão da escalada, do surf, e do skate, modalidades esportivas com características singulares no âmbito de sua cultura própria de movimento. Abordaremos neste artigo o processo de inclusão da escalada esportiva no programa olímpico que, considerado multifatorial, é aqui delimitado na discussão acerca dos efeitos da modelagem da escalada esportiva ao gabarito do Movimento Olímpico, de característica universalizante e secular, sobre as dimensões tradicionais desta cultura corporal de movimento e, principalmente, sobre os corpos que de fato a protagonizam, os escaladores. O trajeto teórico-metodológico para abordar o tema é baseado nas dinâmicas ontológicas, como as narrativas míticas, fornecidas por autores do campo dos estudos do imaginário, onde a questão central no desenvolvimento deste estudo é a relação entre a Escalada Olímpica enquanto movimento artificial e o tema mítico da construção e animação artificial de um corpo, e do poder de domínio sobre seu movimento.

Palavras-chave: Escalada esportiva; Jogos Olímpicos; imaginário.

THE OLYMPIZATION OF SPORTING MODALITIES AND THE MYTH OF THE ARTIFICIAL CONSTRUCTION OF BODIES: THE CASE OF OLYMPIC CLIMBING

Abstract – The Olympic Games to be held in Tokyo in the year 2020 will include the inclusion of climbing, surfing and skateboarding, sporting modalities with unique characteristics within their own culture of movement. In this article, we will discuss the process of including sports climbing in the Olympic program, which is considered to be multifactorial, and it is here delimited in the discussion about the effects of the modeling of sports climbing on the feedback of the Olympic Movement, with a universal and secular characteristic, on the traditional dimensions of this body culture of movement and, especially, on the bodies that actually carry it out, the climbers. The theoretical-methodological path to approach the theme is based on the ontological dynamics, such as the mythical narratives, provided by authors of the field of imaginary studies, where the central question in the development of this study is the relation between the Olympic climbing as an artificial movement and the mythical theme of the artificial construction and animation of a body, and the power of domination over its movement.

Keywords: Sports climbing; Olympic Games; imaginary.

LA OLIMPIZACIÓN DE MODALIDADES DEPORTIVAS Y EL MITO DE LA CONSTRUCCIÓN ARTIFICIAL DE LOS CUERPOS: EL CASO DE LA ESCALADA OLÍMPICA

Resumen - Los Juegos Olímpicos que se celebrarán en Tokio en el año 2020 contarán con la inclusión de la escalada, del surf, y del skate, modalidades deportivas con características singulares en el ámbito de su cultura propia de movimiento. En este artículo se aborda el proceso de inclusión de la escalada deportiva en el programa olímpico que, considerado multifactorial, está aquí delimitado en la discusión sobre los efectos del modelado de la escalada deportiva al plan del Movimiento Olímpico, de característica universalizante y secular, sobre las dimensiones tradicionales de esta cultura corporal de movimiento y, principalmente, sobre los cuerpos que de hecho la protagonizan, los escaladores. El camino teórico-metodológico para abordar el tema se basa en las dinámicas ontológicas, como las narrativas míticas, proporcionadas por autores del campo de los estudios del imaginario, donde la cuestión central en el desarrollo de este estudio es la relación entre la Escalada Olímpica como movimiento artificial y el tema mítico de la construcción y animación artificial de un cuerpo, y del poder de dominio sobre su movimiento.

Palabras-clave: Escalada deportiva; Juegos Olímpicos; imaginario.

Rafael Campos Veloso

*Escola de Educação
Física e Esporte*

*Universidade de São
Paulo*

rafaveloso13@hotmail.com

*[http://dx.doi.org/
10.30937/2526-
6314.v2n2.id50](http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v2n2.id50)*

Introdução

O programa dos Jogos Olímpicos que acontecerão em Tóquio, no ano de 2020, contarão com 33 modalidades esportivas e, nos moldes de disputa de cada uma destas, 55 disciplinas. Dentre as novidades, está a inclusão de modalidades esportivas com características singulares no âmbito de sua cultura própria de movimento, com tendências de afastamento da semântica relacionada às modalidades tradicionalmente integrantes dos programas olímpicos até então. Estamos aqui especificamente nos referindo da inclusão da escalada esportiva, do surf, e do skate. Modalidades que deverão ser reduzidas ao ambiente quase laboratorial para que possam ser disputadas em ambiente olímpico.

Abordaremos neste estudo o processo de inclusão da escalada esportiva no programa olímpico. O caminho de uma modalidade esportiva até a inclusão nos eventos dos Jogos Olímpicos é multifatorial. Não que este seja o axioma do trajeto de uma manifestação esportiva, mas representa o desejo presente em uma porção destas, nutrido pela composição de forças constituídas ao nível imaginário, que direcionam para a condição de existir, e ser divulgado ao mundo, no ambiente onde estar sob cores dos anéis olímpicos é algo além de um evento. Considerando esta multiplicidade fatorial, delimitamos para a temática deste artigo a reflexão sobre os efeitos da modelagem da escalada esportiva ao gabarito do Movimento Olímpico, de característica universalizante e secular, sobre as dimensões tradicionais desta cultura corporal de movimento e, principalmente, sobre os corpos que de fato a protagonizam, os escaladores. Construiremos até as considerações finais deste trabalho, reflexões através das dinâmicas lógicas fornecidas por autores do campo dos estudos do imaginário, onde a questão central será a relação entre a escala olímpica enquanto movimento artificial e o tema mítico da construção e animação artificial de um corpo, e do poder de domínio sobre seu movimento.

Parte das forças que pressionam o cenário que envolve o universo olímpico para a morfologia de uma condição que podemos denominar de neo olimpismo, ou pós-olimpismo¹, é o avanço do Movimento Olímpico sobre os chamados “esportes de aventura” no intuito de, junto à adesão ao programa olímpico, promover uma renovação de produtos que atenda aos novos anseios do imaginário social contemporâneo, muitas vezes influenciados por modelos de espetacularização do esporte. Tais modelos, para

superar o desgaste sobre as modalidades tradicionais, algumas delas presentes no programa olímpico por mais de um século, buscam cooptar práticas esportivas crescentes nas manifestações da cultura corporal de movimento do contemporâneo para uma tentativa de adequação do Movimento Olímpico ao espírito estético e ético do homem do século XXI.

A este processo de cooptação pelo Movimento Olímpico de manifestações da cultura corporal de movimento, efetivadas e expressadas na forma de modalidades esportivas, chamaremos de olimpização, seguindo a esteira da definição de Rubio² (p. 32)

[...] o enquadramento de modalidades criadas e consagradas como manifestações da cultura corporal de movimento, cuja dinâmica e regra são próprias, fora do sistema historicamente determinado como olímpico. A força simbólica implicada nos mecanismos de pertencimento ao seletivo grupo de atletas, ou ainda dos dirigentes, resulta na submissão a um sistema que coloca em risco a existência de esportes concebidos como de aventura ou na natureza como é o caso do surf, do skate ou da escalada desfigurando-as como uma manifestação cultural impregnada de sentidos relacionadas ao meio em que foram criadas e desenvolvidas.

O montanhismo que configura a prática de atividades em ambiente montanhoso, possui conteúdo ideológico, filosófico e imaginário específicos, é tradicionalmente voltado a uma semântica excursionista e bandeirante, distante da perspectiva das características daquilo que entende-se como esporte, desenvolvido ao longo do século XX, que conhece suas formas mais avançadas no contemporâneo sob a tutela de entidades de poder global como o COI e a FIFA. No final do século XX, afetado pelos cantos do imaginário esportivo, torna-se presente no universo do montanhismo a expressão do espírito agonístico materializado em características esportivas, com competições, regras, padronizações e processos de formação institucional. À nova sintaxe de prática, nomeou-se escalada esportiva, e daí por diante vem percorrendo os trilhos sempre no sentido de distanciamento do universo do montanhismo. Primeiramente, afastamento de forma aguda na esfera institucional quando ganha uma federação internacional destinada exclusivamente aos interesses de caracterização esportiva, e de forma crônica na dimensão do imaginário, cada vez mais próximo de

uma conformação próxima das modalidades olímpicas tradicionais, onde as imagens matriciais relacionadas ao montanhismo ainda presentes ocupam espaços residuais deste imaginário.

Dentre as mudanças estruturais do Movimento Olímpico, presenciamos a flexibilização dos critérios para a inclusão de novos “eventos” no calendário dos Jogos Olímpicos, que permite desde testes mercadológicos, pois as novas modalidades a partir de 2020 serão temporariamente olímpicas, até a própria manipulação estética de práticas esportivas culturalmente consolidadas (e conseqüentemente do corpo), como a Escalada Olímpica. Como abordaremos no decorrer deste estudo, o processo de olimpização da escalada esportiva é marcado pela criação de um modelo de disputa exclusivamente olímpico, ou seja, pela tentativa de animação de uma prática esportiva e estética corporal artificiais, não naturais à cultura da modalidade.

Se anteriormente campos amplamente difundidos da cultura corporal de movimento voltados para o esporte, eram a fonte de prática e materialização do Movimento Olímpico, nas configurações contemporâneas abrem-se precedentes para uma espécie de alteração de nível hierárquico de poder entre as dimensões culturais e as instituições envolvidas. O tema mítico presente na modernidade, do domínio da racionalidade avançada que instrumentaliza o homem contra o acaso da natureza, ou as “vontades de Deus”, parece encontrar eco quando o Movimento Olímpico manipula, dentro de seus laboratórios, a forma como os corpos dos escaladores vão se movimentar para atender os interesses olímpicos.

No tratamento destas questões em curso, para cuidar das relações do esporte e suas poderosas instituições enquanto fenômeno sociocultural, partimos da posição epistemológica dos estudos do imaginário, principalmente a partir da perspectiva que se debruça sobre a ideia do imaginário bidimensional que congrega as noções de imaginário sociocultural (ideologia, utopia, metáforas) e o imaginário arquetipal (mitos, símbolos, imagens arquetípicas)²⁻⁶.

Aos investigadores do imaginário, as narrativas míticas são como poemas do imaginário. Expressões profundas, reveladoras das noções de organização dos mundos. À estas imprescindíveis expressões debruçou-se a tradição de prática hermenêutica por epistemologias que privilegiam a investigação do pensamento simbólico, principalmente a partir da segunda metade do século XX. Entretanto, tais perspectivas

se recuadas desde a origem das estruturas mais antigas do cristianismo são, desde estes tempos, sublimadas pela tradição da racionalidade direta donde se desenrolarão no mundo moderno, entre outras coisas, na narrativa da ciência. Jean-Pierre Sironneau² (p. 15) aponta a sublimação do pensamento simbólico por uma racionalidade de tradição cristã já operacionalizada desde a Idade Média.

Pode-se mesmo dizer que a adoção da filosofia de Aristóteles pelo pensamento escolástico reforça o racionalismo e desvaloriza o pensamento simbólico, já que, se o pensamento simbólico era ainda central nos escritos de São Bernardo e de Jean Scot Eriène, encontra-se desvalorizado quando o conceptualismo aristotélico e sobretudo o nominalismo triunfam na teologia e na filosofia: o pensamento “direto”, conceitual, destrona o pensamento “indireto”, simbólico. Isso tem graves consequências, pois, se o pensamento “indireto” pode mirar além do sensível, ser uma epifania do mistério, o pensamento conceitual, enxertado do realismo da percepção, orienta-se mais em torno do conhecimento objetivo das realidades do mundo profano e do domínio da natureza. A partir disso, o caminho está pronto para o triunfo do racionalismo cartesiano e do imperialismo do método científico. Depois de Descartes, o simbolismo não tem mais o direito de figurar na filosofia.

Especialmente na perspectiva da mitodologia durandiana, os conceitos operatórios dos contributos metodológicos são destinados a encontrar mitos e seus temas e figuras latentes em textos literários e poéticos (mitocrítica), e a buscar mitos diretores que animam sociedades em suas condições espaciotemporais específicas (mitanálise)⁷.

Conforme reforçam Araújo e Almeida⁸, os contributos durandianos da mitocrítica e da mitanálise possuem destinações epistemológicas específicas, atendendo a literários e, no caso da segunda, a sociólogos. Para os objetivos hermenêuticos pretendidos por este texto, seguimos através da perspectiva ampliada de mitanálise no sentido de descortinar os mitos diretores, regentes ao nível do pensamento simbólico, sobre o tema mítico, presente no contemporâneo, da construção artificial de um corpo humano que possui algum nível de vida, mesmo que rudimentar, e por isto se movimenta.

Para Sironneau², os mitos não desaparecem no decorrer do tempo da humanidade (o tempo biológico), nem mesmo os mitos das culturas arcaicas, mas

alguns deles perdem a latência a depender da época dando espaço para a regência de outros mitos. De tempos em tempos estes temas míticos e narrativas que já marcaram o passado, podem retornar reconfigurados ao tempo presente.

Diversos autores presentes na obra “O Mito de Frankenstein: Imaginário e Educação”⁹⁻¹² entendem que Frankenstein é um dos mitos que ajudam a compreender o mundo contemporâneo dentro da ideologia do recorte temporal presente chamado de pós-modernidade. O romance de Mary Shelley¹³ narra e expõe o drama das consequências do experimento científico do Dr. Victor Frankenstein que construiu um corpo a partir de retalhos de cadáveres e, ao conseguir animar a criatura, transcendeu o conhecimento e racionalidade científica, ao nível imaginário, da dominação das matérias naturais e da gênese divina. A criatura, que se instalou no imaginário social pela imagética do Frankenstein de Boris Karloff^{10,14}, é porta-voz dos principais temas míticos que constelam a humanidade contemporânea como a busca pela imortalidade, galgada principalmente pela ideia de dominação da natureza através da racionalidade científica^{2,10-12}.

Assumindo Frankenstein e seus mitemas (unidades semânticas da narrativa mítica) como um dos mitos regentes do contemporâneo, partimos para o exercício hermenêutico através da mitanálise ampliada para tentar escutar os ecos e reverberações, tal qual dos experimentos do Dr. Victor Frankenstein, na tentativa do Movimento Olímpico de subverter certas leis naturais da cultura de uma prática esportiva para criar uma estética artificial da prática corporal, que venha atender seus anseios.

A escalada para o esporte: a via de afastamento do montanhismo

Em relação à cultura desta modalidade vale aqui uma breve sessão cronológica. A escalada esportiva é um espaço residual dentro do universo do montanhismo. Sua origem e, principalmente, todo o conteúdo imaginário está interseccionado ao montanhismo.

Quando assumimos a escalada esportiva como topos de prática corporal e cultura específica, vislumbramos estabelecer o espaço e os limites destinados ao alinhamento e reconhecimento enquanto esporte. No fim da década de 80, representantes da escalada praticada sob as formas e dimensões filosóficas do esporte promoveram pressões dentro

da *Union Internationale des Associations d'Alpinisme* (UIAA)¹⁵ para seu reconhecimento. Sequentemente a UIAA estabeleceu em suas estruturas, organizações responsáveis pela criação de regras de competição e por treinamento de oficiais de competições (juízes e comissários). Neste período, o esporte sob o timbre do Movimento Olímpico passava pelo desgaste do amadorismo, que figurava estrutura conservadora resistente desde a proposição dos Jogos Olímpicos no fim do século XIX, mas que neste contexto já se encontrara inviabilizada frente às transformações do mundo no decorrer do século XX, configurando zonas de pressão sobre o esporte olímpico através, principalmente, das relações capitalistas e dos anseios de uma sociedade inclinada ao espetáculo^{16,17}.

Em 1990 a escalada esportiva toma o caminho donde cada vez mais se afastaria do montanhismo, seu universo originário. Neste momento, sob o discurso de redução do impacto ambiental decretou-se que as competições de escalada ocorreriam somente em muros artificiais. É retirada da escalada esportiva, grande força dinamizadora do conteúdo imaginário do montanhismo, a paisagem.

Algumas práticas esportivas, tem na paisagem a dimensão dinamizadora. Desta é vertido o *topos*, o *ethos*, e a principal força agonística, ou seja, o conteúdo imaginário significativo e a potência de sua narrativa. Similarmente, em trabalho anterior, realizamos a tentativa hermenêutica da paisagem no ciclismo de estrada¹⁸. Antes da ideia comum de representação de natureza (natural) e mera fotografia de onde os olhos encontram o limite, a paisagem considerada nesta perspectiva, caminha para o campo da filosofia de uma paisagem da qual ocupa-se Augustin Berque¹⁹. Aquela que como um tapete que se desenrola intuindo e convidando o caminho, desliza em horizonte, abrindo-se infinitamente no finito e habitável do corpo. Mais que *locus* agonístico, as montanhas e suas regiões ermas e paredes verticais, são expressões da articulação incessante dos meios, ou metades, do corpo sensível e do meio habitável, inseridos em determinada experiência de tempo possível nas intersecções do tempo de matéria orgânica, do tempo geológico e do tempo cósmico. Ao produto do intercâmbio das “metades”, Berque¹⁹ conceituou-a expressão de uma mediância.

No decorrer da década de 90 setores da escalada voltados para competições configuravam-se mais do universo do esporte, enquanto fenômeno sociocultural, e menos à filosofia do montanhismo. Em 1997 é dado mais um passo no sentido de

distinção da dimensão esportiva da escalada. É criada pela UIAA, o *International Council for Competition Climbing (ICC)*, uma nova estrutura para garantir autonomia e ferramentas para promover o desenvolvimento de uma escalada configurada como esporte. A conformação de uma prática independente do montanhismo, distante de sua filosofia, resultou na decisão por parte da UIAA em 2006 de abrir mão da governança da escalada esportiva, e apoiar a criação de uma federação internacional independente para dirigir a modalidade nos cânones do esporte. No dia 27 de janeiro de 2007, na cidade Frankfurt, 57 federações nacionais fundam a *International Federation of Sport Climbing (IFSC)*²⁰. A partir de então, dirigida por uma organização internacional exclusivamente esportista, aderente às dimensões valorativas do esporte e longe das interferências ideológicas do montanhismo, garantiu, ainda no mesmo ano, o reconhecimento provisório do IFSC pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), aproximando-se do movimento olímpico. Três anos mais tarde o COI reconhece definitivamente a IFSC, oficializando a entidade como membro da Família Olímpica, adicionando a modalidade à *shortlist*, junto a outras sete modalidades, como um possível novo evento para os Jogos Olímpicos de 2020 em Tóquio. A confirmação e inclusão oficial no programa dos Jogos Olímpicos de 2020 ocorreu na Sessão do COI de 2016, juntamente com Karatê, Baseball, Softball e o Surfe.

Escalada Olímpica e a ideia de constituição artificial do corpo pelo movimento

A forma da modalidade e do movimento

Em primeiro plano, observamos a elaboração de um modelo de disputa inédito, que fragiliza a aderência do atleta, geralmente oriundo da cultura do montanhismo, às formas tradicionais dos movimentos desta cultura, o impelindo certo anonimato e perda de pertença, pelo menos parcialmente.

Na escalada esportiva, as formas de disputa tradicionalmente mais praticadas e difundidas na cultura da modalidade são: Dificuldade (*Lead*), Bloco (*Boulder*), e a controversa Velocidade (*Speed*). Esta última, apesar de figurar em diversos campeonatos internacionais, possui baixa adesão entre escaladores. O motivo deste baixo prestígio pode ser apontado pelas características das habilidades necessárias para percorrer a rota vertical no menor tempo possível, dando à disciplina a áurea de uma

corrida. Para que seja possível a performance de velocidade, a rota vertical (via) é construída de forma a oferecer baixa dificuldade técnica se comparada às outras duas disciplinas. Para garantir o foco na habilidade mecânica da velocidade as rotas verticais são padronizadas, não possuem variabilidade técnica, para dar sempre a chance da repetição e treinamento nas mesmas condições. Entretanto, no interior da cultura desta prática, desde sua relação ao montanhismo, o entendimento e valorização do escalador habilidoso recai sobre aquele que é capaz de transpor e solucionar “problemas” variados oferecidos pelo percurso, nos modos de um xadrez corporal, cadenciando sequência bem elaborada de movimentos técnicos.

Para a estreia da escalada esportiva nos Jogos Olímpicos de 2020 foi estabelecido um novo modelo de disputa, diferente dos principais campeonatos da modalidade. Estarão em disputa em Tóquio as três disciplinas mencionadas, entretanto, será reconhecido vencedor aquele que apresentar melhor posição em ranking obtido através da somatória dos resultados desempenhados nas três disciplinas.

O modelo inédito de disputa, desconectado da cultura da modalidade, promove o cenário para animar a criatura, um novo tipo de atleta jamais visto nas formas tradicionais da modalidade; o escalador olímpico. Aqueles que estarão nos Jogos Olímpicos de Tóquio serão escaladores habilidosos, entretanto, o devir de habilidades do corpo para sagrar-se campeão olímpico, no caso da escalada, é artificial. As três disciplinas possuem requisitos de habilidades diferentes, impelindo escaladores especialistas a incluir novas rotinas de preparação e adaptação. O herói olímpico, no sentido grego da jornada do herói, é aquele que ser habilidoso através dos devires de sua existência, que atende aos chamados de uma determinada jornada iniciática, e se destaca da comunidade por feitos únicos²¹. A Escalada Olímpica desloca o eixo corpo-habilidoso, gestado canonicamente na escalada esportiva, para uma nova morfologia atleta-corpo inclinada aos interesses do Movimento Olímpico.

Entre criar e fabricar, observa-se como produto da ação fabril a modalidade, provida de todas as referências de uma prática esportiva estabelecida, e a criatura, anônima até que o nome do criador se transfira naturalmente, apresentando-se o escalador olímpico.

O desejo pelos anéis olímpicos

O processo de olimpização da escalada esportiva expõem o desejo de alguns setores institucionais da modalidade, da companhia e tutela da bandeira olímpica. Portanto, como fenômeno já observado no trajeto de outras modalidades olímpicas, é apropriado o questionamento a respeito desta necessidade. Por que a escalada esportiva necessita do Movimento Olímpico? Neste questionamento caberia outra formulação; por que o escalador esportivo necessita do timbre dos anéis olímpicos?

Os esportes sob a titulação olímpica, parecem chancelar ao imaginário coletivo, a noção de atividade séria, merecedora de um respeito característico de prática profissional, com visibilidade, investimento e capilarização, pois os anéis olímpicos, enquanto símbolo, alcançam os quinhões mais ermos deste planeta. No termo de atividade séria, entende-se por hora, por práticas desprovidas das dimensões lúdicas, ou que às tenham sublimado, conforme tratou Johan Huizinga²² ao propor e descrever a dimensão do *Homo ludens*, uma subespécie do *Homo sapiens*.

Nosso intuito neste momento é o levantamento destes questionamentos, cabendo o ensaio deste tópico uma investigação particular. Entretanto, é possível apontar, mesmo que preliminarmente, que, ainda sob o status de modalidade olímpica, no contexto estrutural de fomento e desenvolvimento, a criatura é abandonada pelo criador. Condições de infraestrutura observadas em outros momentos se repetem, e o atleta, potencialmente olímpico, é forçado a uma espécie de isolamento de provação e subsistência, assumindo características de ser errante, empreendendo jornada solitária e iniciática, em busca de polos de oportunidades, recursos estruturais e patrocinadores. Estes últimos, geralmente, mais entusiastas da jornada e menos investidores.

Artificialidade pelo movimento do corpo

Construir algo artificialmente deve significar seguir um projeto de criação artificial onde cada item, pedaço, ideologia, memória e tradição, costurados e emendados, possa engendrar a alma do corpo recém animado.

O escalador olímpico é o habilidoso de um modelo de manifestação corporal artificial (o modelo olímpico da escalada), fazendo-se necessário incutir a este corpo a sensação de pertencimento e tradição. Sob o modelo olímpico a escalada esportiva é conformada no sistema de esportivização avançada, rompendo laços com as tradições e

filosofias comuns ao montanhismo, manifestação corporal primeva da escalada. Se o nascimento enquanto prática esportiva não é natural, beneficia-se o criador, quando a formação da identidade de sua criatura apresentar uma folha em branco, porém galvanizada pelo desejo de vivência do imaginário heroico.

O conteúdo da tradição que irá animar a criatura é vertido das engrenagens do Movimento Olímpico, grande depositário de tradições bem armadas de conteúdo imagético, arquétipos e mitos originários, onde o principal produto semântico é o herói olímpico. O mapa anatômico dos imaginários da criatura permite observar, em primeiro plano, duas constelações principais de imagens. Uma delas organizada no imaginário mítico, nucleada pelo arquétipo e mito do herói, e outra operante no imaginário social, dinamizado por noções de esporte e trabalho, que fomenta o anseio comum pela legitimidade social de uma prática esportiva séria*. Guiados por esta cartografia, observamos que este novo corpo é instrumentalizado com os anéis olímpicos. Sua significação enquanto atleta de modalidade desenvolvida inicia-se, ao nível imaginário, apenas sob o timbre olímpico, e sob uma noção espaciotemporal cíclica dos quadriênios olímpicos. O corpo criado assume, então, o movimento pelo caminho iluminado sob os faróis do Movimento Olímpico, fazendo desta a via substantificada para um horizonte de desenvolvimento, passado, memórias e feitos para narrar, ou seja, a jornada da imortalidade e da permanência.

Considerações finais

Em primeiro plano, procuramos descrever distinções dimensionais entre escalada esportiva enquanto parte de uma cultura corporal de movimento esportivizada, e Escalada Olímpica enquanto nova modalidade Olímpica recém-criada. A primeira, caracterizada por um espaço residual e de fluxo de desenvolvimento natural dentro do montanhismo pertencente à cultura de manifestação corporal da escalada inclinada às dimensões do esporte, e a segunda possui como constructo a manipulação de características essenciais da escalada esportiva.

Intencionamos realçar no desenvolvimento proposto por este estudo, o alcance do poder institucional e simbólico do Movimento Olímpico sobre os corpos daqueles que são, verdadeiramente, os protagonistas dos Jogos Olímpicos, ou seja, os

* Atividade “séria” ainda analisada sob a perspectiva de Huizinga relativo a ideia de sublimação do espírito lúdico²².

atletas. Para tal, discorremos acerca do processo de olimpização da escalada esportiva, focalizando especificamente sobre a especulação do surgimento de uma nova estética de movimento e, conseqüentemente, de corpo, no seio de uma cultura de movimento originalmente não relacionada ao universo olímpico.

Tal aspecto especulativo se constitui em decorrência do momento presente em que estas considerações são redigidas, pois, o que discorremos até aqui se materializará somente quando os corpos dos escaladores olímpicos ascenderem pelas pistas verticais dos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 2020. No instante, estes corpos encontram-se, no caminho citado no desenvolvimento deste texto, em gestação.

A Escalada Olímpica como produto da olimpização da escalada esportiva, crie instrumentos materiais e narrativos em diversos níveis. O desejo, da parte dos atletas envolvidos, opera sobre uma base frágil da ideia status olímpico como último estágio, onde o nível de esportivização avançado alcançado é decorrência natural da ideia positiva de evolução da manifestação corporal e da cultura da modalidade. O conjunto simbólico do Movimento Olímpico, vivificado em suas dimensões ritualísticas espetaculares, cumprem a função de substantificar uma modalidade, que criada artificialmente conforme apontamos, tem sua memória facultada. A nova forma de arranjo corporal para a disputa, mesmo sob o nome de uma modalidade tradicional é uma página em branco, livre das filosofias que sustentam sua prática e existência longe dos Jogos Olímpicos, onde o criador está livre para substantificá-la com o conteúdo que serve aos seus interesses. É criada uma realidade material e imaginária que suprime a memória “original” dos aspectos da escalada como cultura corporal de movimento, e a noção daquela prática fora e anterior ao universo olímpico. A criatura recém animada, a partir de agora relegada a própria sorte e sem acesso a um passado, deverá lançar-se em árdua jornada para reconfigurar-se, enquanto busca por identidade, às novas realidades sensíveis e imaginárias.

Do ponto de vista ontológico, o atleta deseja viver o imaginário heroico. O escalador olímpico opera em lógica invertida em relação ao seu criador ao desejar viver o épico que acredita ser viável nas valências mais avançadas através do Movimento Olímpico, que produz a este imaginário o espaço das grandes batalhas e transcende a mortalidade na narração dos feitos ali realizados. Ao corpo, no sentido iconográfico do movimento, o mote atleta-criatura, ou a imagem atleta-Frankenstein, relacionados por

este estudo, pretende principalmente o enfoque semântico direcionado à criação artificial de características do corpo e, conseqüentemente, da estética de movimento. Por fim, sem deixar de salientar a necessidade de investigações, em momentos de real oportunidade de observação deste fenômeno, e assim potencialmente capazes de superar as especulações levantadas por este estudo, indicamos o direcionamento do relacionamento de três eixos: o Movimento Olímpico operante no espírito hegemônico de dominação e universalização cultural, o escalador olímpico, sintoma direto do primeiro, e a sociedade de consumo, inclinada à espetacularização.

Referências

- 1 Rubio K. Olimpização: Notas sobre o desejo de inclusão no modelo olímpico. In: Rubio K, editor. *Do Pós ao Neo Olimpismo: Esporte e Movimento Olímpico no Século XXI*. São Paulo: Laços Editora; 2019. p. 23–39.
- 2 Sironneau J-P. Introdução: Retorno do Mito ou Hermenêutica do Mito. In: Araújo AF, Almeida R, Beccari M, editores. *O Mito de Frankenstein: Imaginário e Educação*. São Paulo: FEUSP; 2018. p. 11–31.
- 3 Wunenburger J-J. *O Imaginário*. São Paulo: Edições Loyola; 2007.
- 4 Wunenburger J-J, Araújo AF. *Educação e Imaginário: Introdução a uma filosofia do imaginário educacional*. São Paulo: Cortez; 2006.
- 5 Pitta DPR. *Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand*. Curitiba: Editora CVR; 2017.
- 6 Durand G. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. São Paulo: Martins Fontes; 2001.
- 7 Durand G. *Pas à Pas Mythocritique*. In: *Champs de L’imaginaire*. Grenoble: ELLUG; 1996. p. 262.
- 8 Araújo AF, Almeida R de. Fundamentos Metodológicos do Imaginário: Mitocrítica e Mitanálise. *Téssara*. 2018;1(1):18–42.
- 9 Ribeiro JA. A Utopia da Fabricação do Homem. In: Araújo AF, Almeida R de, Beccari M, editores. *O Mito de Frankenstein: Imaginário e Educação*. São Paulo: FEUSP; 2018. p. 136–57.
- 10 Almeida R de. O mito de Frankenstein no cinema. In: Araújo AF, Almeida R de, Beccari M, editores. *O Mito de Frankenstein: Imaginário e Educação*. São Paulo: FEUSP; 2018. p. 158–74.
- 11 Guimarães AR, Araújo AF. Como Criar um Monstro: O Manual de Instruções do Dr. Victor Frankenstein. In: Araújo AF, Almeida R De, Beccari M, editores. *O mito de Frankenstein: imaginário & educação*. São Paulo: FEUSP; 2018. p. 71–87.
- 12 Araújo AF, Guimarães AR. Victor Frankenstein: Um Prometeu Moderno? In: Araújo AF, Almeida R de, Beccari M, editores. *O Mito de Frankenstein: Imaginário e Educação*. São Paulo: FEUSP; 2018. p. 88–113.
- 13 Shelley M. *Frankenstein*. Lisboa: Asa; 2015.
- 14 Whale J. *Frankenstein*. Estados Unidos da América; 1931.
- 15 Union Internationale des Associations d’Alpinisme (UIAA). 2019 [citado 27 mai. 2019]. Disponível em www.theuiaa.org.

Veloso RC. A olimpização de modalidades esportivas e o mito da construção artificial dos corpos: O caso da Escalada Olímpico. *Olimpianos – Journal of Olympic Studies*. 2018; 2(2): 409-422.

16 Rubio K. From Amateurism to Professionalism: Sport's Transformations by the Brazilian Olympic Athletes' Lenses. *Humanit Soc Sci*. 2013;1(3):85.

17 Debord G. *A Sociedade do Espetáculo: Comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto; 2003.

18 Veloso RC. As montanhas para o ciclismo de estrada: a provação dos heróis. In: Rubio K, editor. *Esporte e Mito*. São Paulo: Képos; 2017. p. 183–97.

19 Berque A. Geogramas, por uma ontologia dos fatos geograficos. *Rev Geogr*. 2012;1(1): 4-12.

20 International Federation of Sport Climbing (IFSC). 2019 [citado 27 mai. 2019]. Disponível em ww.ifsc-climbing.org/.

21 Rubio K, Veloso RC, Leão L. Between solar and lunar hero: a cartographic study of Brazilian Olympic athletes in the social imaginary. *Imago A J Soc Imaginary*. 2018;(11):147–162.

22 Huizinga J. *Homo Ludens*. 8a. São Paulo: Perspectiva; 2014.